

Narrando o rolê: encantamentos das festas de rua fazendo ferver a urbe

Mariana Gonçalves da Silva¹

Luis Artur Costa²

Gabriel Vargas Bernardo³

Nalu Rossi Tiburi⁴

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Imaginem um mundo dito apenas por meio de verbos e advérbios, sem concessões a adjetivos e muito menos aos ensimesmados substantivos: realidade feita de acontecimentos em relações de composição. Uma cidade constantemente (re)narrada pelos corpos, gestos, cotidianos, edificações, ruas, relevos, clima, matérias e máquinas em geral, que lhe arranjam enquanto potência acontecimental com suas possibilidades de afetações e de ser afetada. Cada modulação narrativa que se agencia com esta trama urbana compõe um encanto no qual coletivos emergem e imergem afirmando sentidos, divisando certos acontecimentos do mundo, atribuindo-lhes valores, significados, afetos, modulando possibilidades de agenciamento. Compor acontecimentos e (re)narrar a urbe por meio da realização de festas nas ruas é uma estratégia contra-narrativa para quebrar certos encantos e reencantar outros na qual apostamos. Jean é o personagem que corpografa as controvérsias das festas na composição do urbano afirmando a festa como dispositivo clínico-político.

Palavras-chave: corpografia; ficção; narrativa; cidade; festa de rua.

GONÇALVES DA SILVA, Mariana; COSTA, Luis Artur; BERNARDO, Gabriel Vargas; TIBURI, Nalu Rossi.
Narrando o rolê: encantamentos das festas de rua fazendo ferver a urbe. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 10 (24): 97-112, setembro a dezembro de 2023. ISSN: 2358-5587

¹ Bacharel em Ciências Sociais, Mestre e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI/UFRGS), DJ e membra dos coletivos Arruaça e Turmalina.

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Instituto de Psicologia da UFRGS.

³ Psicólogo, mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI/UFRGS), DJ e membro do coletivo Arruaça.

⁴ Psicóloga, mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI/UFRGS), DJ.

Narrating the spin: enchantments of street parties making the urbe boil

Abstract: Imagine a world told only by means of verbs and adverbs, without concessions to adjectives and much less to self-absorbed substantives: a reality made up of events in compositional relationships. A city constantly (re)narrated by bodies, gestures, everyday life, buildings, streets, reliefs, climate, materials and machines in general, which arrange it as an eventual power with its possibilities of affectations and of being affected. Each narrative modulation that is combined with this urban rizom creates an enchantment in which collectives emerge and immerse themselves, affirming meanings, discerning certain events in the world, attributing values, meanings, affections to them, modulating possibilities of agency. Composing events and (re)narrating the city by holding parties in the streets is a counter-narrative strategy to break certain spells and re-enchant others on which we bet. Jean is the character who embodies the controversies of parties in the composition of the urban, affirming the party as a clinical-political device.

Keywords: corpography; fiction; narrative; city; street party.

Narrar la movida: encantos de fiesta en la calle haciendo hervir la urbe

Resumen: Imagina un mundo contado sólo a través de verbos y adverbios, sin concesiones a los adjetivos y mucho menos a los sustantivos ensimismados: una realidad hecha de acontecimientos en relaciones compositivas. Una ciudad constantemente (re)narrada por cuerpos, gestos, cotidianidad, edificios, calles, relieves, clima, materiales y máquinas en general, que la disponen como un poder acontecimental con sus posibilidades de afectación y de ser afectado. Cada modulación narrativa que se combina con este rizom urbano crea un encantamiento en el que emergen y se sumergen colectivos que afirman significados, vislumbran determinados acontecimientos del mundo, les atribuyen valores, significados, afectos, modulan posibilidades de agencia. Componer eventos y (re)narrar la ciudad haciendo fiestas en la calle es una estrategia contranarrativa para romper ciertos hechizos y reencantar otros por los que apostamos. Jean es el personaje que encarna las controversias de los partidos en la composición de lo urbano, afirmando el partido como dispositivo clínico-político.

Palabras clave: corpografía; ficción; narrativa; ciudad; fiesta callejera.

Advertência aos (des)encantamentos e (contra)feitiços presentes neste texto

Antes de tudo, acreditamos que seria interessante fazer uma ressalva. Falaremos de territorialidades, feitiços e encantamentos enquanto um gesto de produção de um campo de afetações, percepções, pensamentos, sentimentos. Feitiços e encantamentos são gestos, palavras, signos e outras materialidades que compõem ritos, produzindo um ecossistema de afetações possíveis. Assim, encantamentos e feitiços conjuram territorialidades, modos de existir, constituindo realidades políticas, formas de vivermos juntas. Deste modo, paradoxalmente, tal forma de pensar e sentir encantamentos e feitiços é, ela mesma, a tentativa de conjurar um encantamento ou feitiço que componha um certo plano de afetações possíveis de nós mesmos perante o mundo. Pensar que as máquinas teóricas são dispositivos alquímicos que conjuram realidades é assumir já uma tentativa de encantamento, das pessoas que nos leem. Assim, feitiços e contrafeitiços, encantamentos e contraencantamentos são disputas de realidade que conjuram territórios controversos entre si em um pluriverso inesgotável de possibilidades. Sendo assim, sim: nosso objetivo aqui é entrar na disputa de conjurações de territorialidades diversas para cultivar certo modo de viver, certos modos de existir, que afirmam uma ética do encantamento da urbe desde o gestual vibrante dos corpos em festa. Lhe convidamos agora a adentrar o texto e, quem sabe, contagiar-se dos nossos bem-dizeres e maldições.

Inventário dos acontecimentos necessários para produzir ritmos por meio de ritos voltados ao (des)encantamento do cotidiano

Podemos pensar em tudo que há enquanto fluxos que estão. Matéria, pensamentos, sentimentos, instituições, gestos, são todos acontecimentos em arranjos de tramas dos eventos a constituírem composições, processos, singulares, ou seja, modos de existir. O filósofo inglês Alfred North Whitehead experimenta tal perspectiva do mundo ao nos sugerir que espaço e tempo (assim como espaço-tempo) seriam abstrações erigidas desde uma dimensão anterior na qual não haveria qualquer possibilidade de separação entre tais formas de apreender o mundo: a dimensão dos eventos (WHITEHEAD, 1956; 1994) ou dos acontecimentos seria uma possibilidade de não cindir a realidade entre matéria e tempo, ou entre permanência e mudança, já que, em todos estes casos, estaríamos falando de diferentes modos de acontecer. Tal como quando Bergson nos clama para pensar as relações entre matéria e memória (BERGSON, 1999), corpo e espírito, cérebro e consciência (BERGSON, 1989), Whitehead, por sua vez, nos convida a pensarmos o mundo enquanto multiplicidade acontecimental de processos com diferentes estilísticas, diferentes ritmos-territorialidades (SODRÉ, 2019),

firmando matérias e esvanecendo afetos, mas sempre se mantendo no plano do que acontece, do que dura por sua variação, repete em sua diferença. Esqueçamos, assim, tanto os pontos, quanto os planos geométricos, já que, deste modo, mesmo estes são constituídos pelo pulsar rítmico de acontecimentos que afirmam territórios em suas estilísticas próprias do pulsar.

Quando Deleuze (2008) desloca a preposição “do” para “de” nos modos espinosistas do ser (ESPINOSA, 1973), ele estrategicamente exclui a substancialista perfeição da essência, que coloca os modos enquanto segundos em uma hierarquia ontológica diante da substância, e faz dessa, que se queria primeira, um plano de potências, virtualidades, a multiplicarem ainda mais as possibilidades dos modos em suas composições. Se, por um lado, isso nos retira o porto seguro da perfeição vislumbrada pelo iluminado no terceiro gênero, por outro lado, nos permite decair tal campo do conhecimento ao ponto da intuição e sua vocação experiencial que paradoxaliza inteligível e sensível. Temos, assim, a constituição da noção modos de existir: uma noção rítmica do ser que estabelece territórios em ritornelos, fugas, estrias simétricas e alisamentos caotizantes, entre n-1 possibilidades de variações.

Se não somos substâncias, tampouco podemos ser individualizados e, assim, percebemo-nos enquanto dobras, ou seja, processos de organização dos múltiplos acontecimentos que perpassam o mundo: se o Rio Guaíba corre “lá fora”, é ele que corre também em meu corpo, assim, quando os acontecimentos voltam-se sobre si mesmos em processos de composição, regulação, coordenação, autopoieses não deixam de ser acontecimentos, apenas transformam em linhas de variação diversas os ritmos que lhe constituem enquanto processos: água, ar, legumes, vegetais se fazem minha carne e sangue. Tais composições de acontecimentos instauram ecossistemas (GUATTARI, 1990). Se, desde tal perspectiva, pessoas são ecossistemas diversos, ecossistemas, por sua vez, também são pessoas, como já afirmam os Krenak (2019) desde tempos anteriores à invasão europeia. Cidades também constituem dobras, ecossistemas múltiplos em composições diversas: territorialidades extremamente heterogêneas, plenas de lugares e tempos dos mais diversos. As urbes cerzem-se de cotidianos, hábitos de humanos e não humanos, vivos e não vivos, em complexos arranjos rítmicos polifônicos que constituem uma cidade.

Assim, advertimos desde já, as territorialidades arranjadas em seus ritos-ritmos (SODRÉ, 2019) pelo nosso narrar irão trazer em cada situação uma heterogeneidade vertiginosa de acontecimentos provenientes de diferentes tempos e localidades: em uma mesma esquina encontraremos uma multidão de presenças: de carne, osso e pedra ou sutis reverberações de corpos e gestos desencarnados, afinal, somos um acontecer em trama de fluxos que escapa às muitas tentativas de cindir espaço e tempo, aqui de lá, ou o ontem do hoje e do amanhã. Mais do que tempos e espaços, acontecimentos se estabelecem pela produção de dinâmicas rítmicas, pela constituição de ritos-pulsos que cerzem territorialidades a durarem em um devir *Aion* (DELEUZE, 1975) de contrações, distensões, consistências e desfazimentos. Acontecimentos que se alternam e retornam ao modo do canto dos pássaros no entardecer, o amarelo que surge nos ipês, as luzes que se apagam e acendem nas ruas, as massas de ar, o correr das marés, a paixão que irrompe, o depósito do salário, o abraço de despedida e o aceno de mão ao dar bom dia, a verificação se a chave está no bolso ao fechar a porta, aquela olhada rápida no celular que recém vibrou, o corre pelo almoço ou por um lugar pra dormir, trocar de roupa antes de sair, um cigarro tragado com a barriga cheia e a boca com gosto de café, apressar o passo para não perder o horário, aguardar

pestando o sol raiar para dormir seguro, cantar parabéns, dar os pêsames na falta de palavra suficiente, ficar atento na reunião para se mostrar obediente, tirar férias, dar um mergulho vespertino, decidir o nome de alguém, lambar os lábios para senti-los molhados, lavar louça, louvar bençãos, esfregar as mãos no inverno, beijar demoradamente uma pessoa amada, ter cólicas, colocar as coisas no lugar no qual pensamos ser melhor elas estarem, festejar algo ou nada mesmo.

A potência da palavra: narrar e conjurar.

Ainda se faz necessária mais uma camada rítmica para podermos estabelecer a territorialidade pela qual pretendemos perspectivar a cidade através das festas: o narrar. Em que pese a polissemia e as muitas controvérsias e disputas em torno deste verbo, tomaremos aqui uma definição tão simples quanto complexa do narrar (COSTA, 2020; COSTA, 2022): trata-se de compor e/ou coordenar arranjos intelisensíveis de singularidades que estabelecem planos de possíveis percepções, afetações, funções, afirmações, emoções, sentimentos, pensamentos, gestos etc. (DELEUZE e GUATTARI, 2000). Quando falamos em narrar, assim, não falamos apenas em palavras, mas também na arquitetura, no urbanismo, nos objetos que agenciam suas presenças com as nossas, falamos nos corpos e suas propensões próprias a afetarem e serem afetados de certos modos etc.

Assim, narrares são atos próprios não apenas de humanos (os quais, aliás, jamais narram sozinhos em um pretense filo afiliativo), mas também envolvem os demais seres vivos (macro ou microscópicos, vegetais, animais, insetos ou muito mais), assim como os objetos inanimados (prédios, carros, lixeiras) em suas composições/coordenações singulares dos campos de afetações possíveis. Ademais, por fim, narrar jamais é um gesto solitário, declinado em uma primeira pessoa do singular, ainda que a própria declinação em tal perspectiva individualizante seja ela mesma um narrar constituído desde uma trama de nós que possibilita tal narrar-arranjo do campo intelisensível.

O narrar constitui perspetivações do mundo, dispara sentidos (enquanto repercussões de agências das palavras, corpos, afetos, instituições, construções, relevos, acontecimentos enfim), circunscreve significados (estabilizações mais ou menos formalizadas de sentidos comuns, próprios das articulações comunicativas), delimita e aponta referentes (destaca e nos sensibiliza a acontecimentos do mundo), constitui perspetivas (lugares e figuras narrativas, personagens, sensibilidades e pensamentos situados). Manifesto, sentido, referente, significado: quatro dimensões das proposições (DELEUZE, 1975) mas não exclusivamente verbais, falamos de toda composição de arranjos acontecimentais que modulam ritmos, instituem ritos (que operam na modulação dos ritmos) e tecem territorialidades (SODRÉ, 2019), sistemas abertos que agenciam diferentes rítmicas em um mesmo processo-acontecimento. Corpos e ecossistemas, em seus campos de afetações possíveis; linguagens de diferentes seres vivos (químicas, imagéticas, gestuais, sonoras); configurações urbanísticas ou de vestuário a firmarem contratos cotidianos sem palavras.

No entanto, evidentemente, o verbo (oral e escrito), para nós humanos, adquire especial relevância segundo nossos modos de conjurar territórios coletivos. Assim, seja por meio do que alguns (ACHEBE, 2021) vão compreender como boa ficção (pela qual duas crianças estabelecem o frágil contrato brincante de que o chão de taco do apartamento tornou-se perigosa lava) ou como má ficção (como a dura reificação da noção de “mérito”), assim como pelos ilimitados caminhos entre estes polos, estamos sempre perspetivando mundos ao estabelecermos

unwelts, campos de potência de afetarmos e sermos afetados: construímos a realidade colaborativamente com uma multidão de narradores humanos e não-humanos, vivos e não-vivos, em uma trama de relações possíveis às quais chamamos realidade, nossos ecossistemas narrativos (COSTA, 2022).

Mas como se estabelecem boas ficções (ACHEBE, 2021), intensas e frágeis, que sejam capazes de conjurar e sustentar encantamentos reais? A noção de realidade no campo ficcional não está necessariamente articulada a uma noção de pureza-perfeição pretensamente presente enquanto verificadora de uma correspondência direta, ideal, mimética, analógica ou representativa entre um meio expressivo (verbo, corpo, imagem, som, química) e um referente potencial. Antes disso, podemos pensar em uma verdade da ficção que está diretamente relacionada à complexidade de relações que esta estabelece (e é estabelecida) com os acontecimentos do mundo (COSTA, 2020): quanto mais densa, múltipla e heterogênea a trama que estabelece e é estabelecida por um certo narrar, mais real este se faz, ao passo que quanto mais rarefeita e esquemática é tal trama, menos real seria tal narrativa em seus encantos e feitiços (COSTA, 2020).

Ao tomarmos as narrativas enquanto ecossistemas, podemos pensar que a multiplicação de relações é a concreção da realidade mesma, assim como da capacidade de ação de tais entes: a autonomia é a multiplicação das dependências (SIMONDON, 2007). A potência conjurativa de uma narrativa – seja a construção de uma história verbal ou de uma festa de rua reescrevendo o campo de afetações urbano – está diretamente relacionada à complexidade (STENGERS, 2022) da trama que a tece e é por ela tecida. Afinal, a complexidade é exatamente a potência de um enredo enredar uma diversidade de atores-autores na mesma composição.

O que o mundo nos provoca e nós provocamos ao mundo é tecido, em sua consistência composicional, por enredos que enfeitiçam e constituem sentido, significado, referente e perspectiva para nossas ações e para as demais ações que com as nossas se encontram. O que divisamos na paisagem enquanto significativo, relevante, desprezível ou banal, assim como o que não somos capazes de divisar em nossos horizontes coletivos; o que desejamos ou nos provoca abjeção e indignação; quais situações evocam nossos temores e amores mais públicos ou mais íntimos; aquilo que nos espanta ou aborrece; são campos de afetações possíveis perpassados em suas composições pelos ecossistemas narrativos que nos enfeitiçam e com os quais enfeitiçamos.

Um homem desperta todas as manhãs antes do sol raiar. Trinar eletrônico, espreguiçar, água quente, café, vestir uniforme, olhar no espelho. O reflexo lhe acende ânimo. Percebe-se bonito de uniforme, um orgulho estético e moral lhe invade, pois ali, diante dele, está uma autoridade. Esboça um sorriso que vence a rigidez dos músculos tesos pela ansiedade crônica e estafa laboral. Pega a arma na gaveta. Com um pano lustra o metal. Parece haver carinho no gesto. Ajeita o revólver no coldre. Olha o espelho. Os cantos de ordem que fazem ode à tropa e ameaçam o inimigo ressoam na memória. Agora sim! Desfazia-se o peso dos riscos e das dívidas. Dissolvem-se dúvidas do dever e o cansaço. Andando pelas ruas da cidade, algumas pessoas lhe parecem invisíveis, outras intocáveis, mas algumas, por sua vez, de pronto se destacam na paisagem e chamam sua atenção. A mão alerta repousa sobre o coldre. Tal homem, assim como nós, vê e não vê, sente e não sente, afirma e nega, agenciado a um encantamento no qual está imerso, ao mesmo tempo em que conjura e reforça a cada gesto e afeto repetido nos ritos diários. Ele se encontra tomado por um enredo enfeitiçante, parte de um jogo, de um ecossistema narrativo (com seus lugares, personagens, ações, valores) que lhe

delimita um campo de existência possível. Tal encanto se dá com tamanha intensidade que apenas um potente contraencanto poderia abrir-lhe novas possibilidades: apenas uma boa (ACHEBE, 2021) e real (SAER, 2012) contranarrativa poderia lhe enredar em outros encantamentos que quebrassem o primeiro.

É na busca por promover tais contrafeitiços narrativos que pensamos, fazemos e vivemos diferentes experimentações com as festas de rua da nossa cidade (BERNARDO, 2021; ROSSI, 2021; SILVA, 2020). Retomar um largo ou avenida compreendidos enquanto passagens invisíveis. Transmutar um viaduto que vibrava apenas sob a passagem apressada dos veículos automotores em um instrumento elástico e percussivo sob o peso e leveza de uma multidão a pular. Furar as barreiras que pretendem privatizar uma parte do ecossistema da cidade. No entanto, se queremos conjurar certos feitiços, certas contranarrativas e suas territorialidades, por outro lado, compreendemos que as festas e seus encantos são muitos e diversos: desde as perigosas magias capitalísticas (com seus Midas midiáticos), que capitalizam (gentrificam) tudo que tocam, até aquelas que paradoxalizam fronteiras entre o público e o privado, possibilitando a conjuração de novos modos de fazer coletivo. A partir da narrativa a seguir, pretendemos cartografar ficcionalmente (BOTTONI e COSTA, 2018) alguns destes feitiços.

Percorrendo a trama de ritmos que constituem nossas territorialidades: jean e seus deslocamentos a corpografar as festas

O vento zunia por entre os prédios naquela noite de segunda-feira anunciando a chegada do inverno no hemisfério sul. Nas costas do mercado público havia uma esplanada na qual a ventania escapava do brete das ruas e se abria em redemoinhos e reviravoltas que surpreendiam os transeuntes, e os obrigavam a agarrarem firme bonés e saias para garantir sua permanência junto ao corpo. Esse largo, em frente ao principal mercado da cidade, naquele momento era tomado por corpos que reverenciam energias de partilha e movimento pelo próprio movimento constante dos seus corpos a caminharem, dançarem e tocarem instrumentos diversos os quais, por sua vez, faziam vibrar, dançar e tocar ao vento que soprava forte.

O som incessante de sinetas é acompanhado por vozes que rezam com alegria. Uma roda é organizada pelo caminhar dos corpos que seguem a imagem representada por um homem negro de pele escura, usando vestes em cor vermelho intenso. As pessoas da cidade pareciam escorrer em volta daquele círculo alvirrubro que pulsava no meio daquela planície urbana. Os passos e falas soltas da multidão faziam um murmúrio ao modo do farfalar das copas ou da chuva sobre as calçadas. De modo cadenciado ouvia-se o rumor de aceleradores e guinchos de freios, em um ritmo de final da tarde, final de trabalho e ida para casa, bastante distinto, em sua liturgia grave, daquela erigida pelo grupo que celebrava alegre no Largo Glênio Peres.

Ao visualizar aquele cenário, jean logo relaciona com a imagem que marcou em um muro próximo, na noite passada. Normalmente, jean não desenhava nas paredes das ruas, mas deixava algumas mensagens de tamanha profundidade e questionamento, que não duravam muito tempo sem que sofresse algum tipo de intervenção, borrando-a e tornando-a quase ilegível. Naquela noite, jean decidiu que passaria a explorar a técnica do desenho como forma de registrar seu olhar sobre a cidade, na própria cidade.

As mensagens e os desenhos se mesclam de modo que tal intervenção seja feita por ele mesmo. Jean decide que não será mais o futuro quem irá borrar sua mensagem sobre a cidade, isso aconteceria no ato de criação. Jean era um fanático pela música, sobretudo o jazz e o samba. Buscou entender sua origem, seus caminhos e suas vertentes durante as noites frias que dormiu no albergue municipal. Ao invés de dormir, aproveitava o silêncio do lugar para ouvir música e pesquisar sobre a história da música africana e suas influências, e, ali, criou a “cidade sincopada”, sendo apenas uma ideia que precisaria de um gatilho para que pudesse executá-la.

O processo criativo de Jean iniciou no dia 13 de junho. O trabalho seria formado por 7 obras a serem distribuídas em 7 pontos da cidade, durante 7 noites. Naquele momento, Jean sabia que representaria 7 chaves como abertura de seu caminho. A lua estava cheia e o céu limpo, estrelado. No chão, a cidade brilhava um firmamento conversando com o céu: uma galáxia fincada no solo emanando tanto luzes lunares em tons de prata que tremeluziam estrelas, quanto luminescências solares em tons âmbar, que resplandeciam como um grande incêndio sideral. Tudo estava no seu lugar: 7 chaves, 7 estrelas, lua e rua cheias. Enquanto todos os olhares e atenção estavam voltados para o ritual que acontecia, Jean aproveitou para deixar a primeira marca da “cidade sincopada” na entrada principal do mercado. 7 chaves, 7 estrelas, lua e rua cheias. Um homem fardado fitou Jean no momento em que desenhava com marcador permanente vermelho na parede do prédio tombado e veio na sua direção. Jean olha nos seus olhos e o cumprimenta: agô, exú! O homem segue seu caminho, sem enxergar Jean. Por volta da meia noite Jean toma o caminho da pensão no Beco do Oitavo⁵ onde alugava um quarto (OLIVEIRA, 1993).

Estava animado com seu novo trabalho, deixando ser tomado pela experiência que viveu naquela noite. Se sentia potente, se sentia malandro. Dançara com a cidade e compôs, junto dela, o ritmo sincopado que ginga para além da simetria marcial que quer “ordem e progresso”. O chão e o céu, o céu no chão e o chão do céu, Jean e a cidade, a cidade de Jean e o Jean da cidade, formavam uma dança sincopada que dissolvia binariedades, linearidades e ultrapassava todos os muros visíveis e invisíveis que tinham sido colocados entre Jean e sua cidade, eles eram um mesmo território compondo um ritmo próprio.

No dia seguinte, por volta das 19 horas, Jean retorna ao mercado e encontra o mesmo homem fardado parado em frente ao portão. Mais uma vez olha para Jean, mas não o vê. Assim, ele segue seu percurso para escolher qual será o local a ser instalada a próxima obra. Jean visualiza luzes coloridas no alto dos prédios recém-inaugurados pelo bota-abaxo e o processo de melhoramento da cidade⁶. Ouviu no rádio que em breve, a principal obra que liga o centro à zona sul seria inaugurada. O viaduto Otávio Rocha com certeza seria contemplado pelo “cidade sincopada”, haja vista o incessante som do bate-estaca que por vezes parecia confundir-se com o som da caixa que aprendeu a tocar na quadra do Bambas da Orgia.

⁵ Em meados do final do séx. XIX, “começou a se delinear um estreito beco que tomou a pior fama devido ao meretrício que ali se desenvolvia. Ficou conhecido por Beco do Oitavo ou Beco do Pombal. Em 1939, na gestão do então Prefeito José Loureiro da Silva, foi mandado alargar e sanear, tomando o nome de Rua 3 de Novembro e que hoje tem a denominação oficial de Av. Desembargador André da Rocha” (OLIVEIRA, 1993: 109)

⁶ Beco estreito que se estendia no trecho de uma das principais avenidas do Centro Histórico de Porto Alegre, a Av. Borges de Medeiros. A via foi rebaixada e alargada para dar espaço ao viaduto Otávio Rocha, inaugurado 1932, foi a obra de grande impacto na cidade uma vez que estabeleceu a ligação entre a zona central e a zona sul da capital gaúcha. (OLIVEIRA, 1993)

As linhas neoclássicas escavadas nas entranhas do morro tinham arrancado dali muita festa e sofrimento, sem ofertar para as pessoas que foram dali removidas qualquer possibilidade de alento e novo terreno onde pudessem construir suas vidas. Botecos, bordéis e outros espaços mal falados, foram silenciados pelas forças “modernizadoras”. Mas os ritmos sincopados dos corpos diversos a festejarem e trabalharem não foram embora dali. Sempre retornavam e retomavam os altos e baixos daquele cerro fantasma. Jean via todas aquelas vidas ali, as passadas, presentes e futuras, juntas a fervilhar na ferida urbanística daquele sonho de cidade de uns contra muitos.

O gesto ritualístico-artístico de Jean pretendia fazer sensíveis a mais pessoas aquelas histórias que vibravam para além do golpe de vista (SODRÉ, 2019) das formas neoclássicas daquela elevada, que seguia sendo campo de batalha e de festa nas mil e uma controvérsias de quem a cada dia está a construir nossas cidades. Os ônibus em seu vaivém das periferias ao centro, a população de moradores de rua que tantas vezes foram dali expulsos e tantas outras vezes encontraram novamente abrigo sob suas arcadas, as festas repetidas a cada semana com sambas e poemas, as obras de Jean e demais artistas visuais que fazem da urbe uma tela, todos movimentos de retomada daquele cerro do qual tantas vezes tinham sido removidos como se fossem “erros” diante do olhar colonial e seus planos de melhoramentos em diferentes tempos.

Jean convivia com todo aquele povo da rua que habitava o antigo cerro e a elevada em diferentes épocas ao mesmo tempo, agora. Em cada pedra arrancada do morro ou em cada tijolo colocado na construção, na presença da ausência das antigas casas simples enfileiradas no Beco do Poço⁷ (OLIVEIRA, 1993), nas multidões de passagem a pé ou em ônibus, cada um destes acontecimentos seguia a reverberar naquele território, mesmo que tais ritmos conjugassem a concomitância de diferentes tempos e espaços ali naquela construção e fossem ininteligíveis à maioria dos transeuntes, incapazes de verem a forte presença daquela multidão na rua. Mas Jean queria exatamente retirar as pessoas deste feitiço que lhes impedia de perceber aquela presença, reencantando-lhes por meio da sua intervenção artística que serviria de chave para abrir a sensibilidade da cidade aos muitos povos que habitam as ruas.

Para fazer vibrar aquelas pedras, concreto e tijolos, e contagiar com gravidade a multidão que passa, que fica, que samba e que picha, Jean planeja produzir um feitiço que aprendera há muito tempo com seus antigos. Para fazer frente ao projeto de gentrificação e violência posto em prática pelo Planejador Urbano – que havia se aliado recentemente ao Gestor de *Vibes* –, Jean vai munir seus aliados com tambores, repiques, caixetas, triângulos, tantãs e todo um arsenal percussivo, apresentando as armas que fazem ressoar a resistência do povo da rua. As marcas deixadas nos muros servirão de sinal, um chamado para enfrentar o marco imposto pela colonialidade mercantil.

O que Jean ainda não sabia é que o Gestor de *Vibes* já havia detectado suas ações na cidade, e já trabalhava para capturar seu encanto e agregar às peças publicitárias que haviam sido encomendadas pelo Planejador Urbano no último contrato (milionário) de consultoria firmado entre os dois. O Planejador Urbano já sabia da existência de Jean, ele havia sido informado pelo Guarda, aquele homem fardado que andava monitorando o vai e vem através das câmeras espalhadas pela cidade. Na verdade, o Guarda nunca conseguiu ver Jean de fato, apenas

⁷ Plano Geral de Melhoramentos de Porto Alegre: o plano que orientou a modernização da cidade. Acesso no link: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/248/232>.

os rastros que ele deixava, mas nem por isso deixou de fazer seu informe à autoridade competente, transformando suas suspeitas em um relatório que apontava possíveis presenças perigosas ao projeto de melhoramento do centro da cidade.

A surpresa apresentada pelo Gestor de *Vibes* ao Planejador Urbano era a utilização de uma tática que não é exatamente uma novidade, mas, talvez pelos ares provincianos de Porto Alegre, tenha soado como uma grande inovação: e se, ao invés de tentar capturar jean com a patrulha do Guarda, convidarmos ele para encantar o povo com sua arte em um evento público, onde apenas pessoas bem afeições e comportadas pudessem apreciar e consumir sua cultura. Afinal, aquele gestual, que por um lado pode parecer rebelde e atrasado, por outro pode ser encarado como contemporâneo e original. É tudo uma questão de perspectiva, e o trabalho do Gestor de *Vibes* era encontrar a perspectiva mais adequada para produzir o encantamento do capital.

O Planejador Urbano e Gestor de *Vibes* são importantes aliados na conjuração do feitiço gentrificador da cidade. Afinal, se o empreendedor *hypado* das festas conseguia transmutar em mercadoria os ritos cotidianos que formavam os ritmos das territorialidades daqueles antigos bairros proletários (de modo a desterritorializar antigos moradores e territorializar uma multidão *hipster*), tal encanto era em muito potencializado pelos rituais e ritmabilidades advindas do poderoso feitiço conjurado pelo Planejador Urbano: por meio de inscrições em planilhas e gráficos, ele era capaz de transformar todo e qualquer evento do mundo, dos menores vírus até as maiores galáxias, em capital.

O capital é expresso na cifrada simbologia dos números e sua abstração extremamente formal e linear que permite medir e comparar elementos tão distantes entre si quanto um apaixonamento antigo, um morro milenar ou uma tempestade recente. Mas não é apenas isso, a territorialidade constituída por tal encanto captura os acontecimentos em dinâmicas rítmicas conjuradas pelos ritos de circunscrição de propriedade e produção de mais valia. Assim, todes enfeitados por este encanto não apenas se transformavam em números como, também, passavam a viver em função da máxima capitalização de si desde os princípios delimitados pela propriedade privada e produção do lucro: a história de vida de uma comunidade em luta se torna um *storytelling* pacífico de um bem de capital simbólico utilizado no *branding* de uma marca-território, inclusive de uma festa.

Trata-se de um poderoso e perigoso encanto, pois, ao mesmo tempo que tal formalização numérica apagava as singularidades em uma homogeneização da sensibilidade-inteligibilidade do mundo desde sua tradução de tudo e todos como bens de capital, por outro lado, as pessoas territorializadas em tal territorialidade abstrata também passavam a não sentir, entender, fazer e, principalmente, desejar nada mais além do que o incremento de sua própria capitalização, passando a pensar, sentir e fazer a si mesmas enquanto um ativo de capital. Neste processo, quaisquer elementos do mundo, de pessoa a comunidade, de lago a pôr do sol, tudo torna-se objeto passível de ser incorporado aos ativos, materiais e simbólicos, dos empreendimentos privados.

Mas a parceria entre o Planejador Urbano e o Gestor de *Vibes* não se encerra apenas na atuação exclusiva das duas personagens, que muitas vezes mantêm-se ocultas, operando outro modo de visibilidade e invisibilidade. Para colocar em ação os planos de capitalização do espaço urbano, é preciso encantar-enfeitiçar um conjunto de pessoas, que são quem encarnam e pulverizam as linguagens do mercado e da publicidade nos ritos cotidianos de relações entre as pessoas e a cidade. As técnicas de análise e hierarquização dos entes que convivem na urbe –

tornando alguns consumidores e outros produtos a serem consumidos, mas também muitos outros a serem descartados – são transmitidas como um sopro que percorre as ruas e invade as casas, pulverizando a pedagogia e a religião do capital. Assim, o Gestor de *Vibes* adquire seus discípulos.

Escorado em sua *bike speed*, Marco encarava os últimos instantes do pôr do sol mais lindo do mundo. Achava particularmente incrível como ele descia rápido nos segundos finais, como se houvesse se arrastado pelo céu azul durante o dia todo, no arco levemente curvo que trilhara sem pressa por cima de nossas cabeças, e, lembrando de algum compromisso do outro lado do globo, acertasse o passo naquela derradeira porção de horizonte. Pensava sobre isso despreocupado, enquanto fechava um cigarro com tabaco e um pouquinho de *beck*, a lua cheia subindo em suas costas, em uma meditação que visava receber da orla aquela energia, aquele encanto, que o pôr do sol no Guaíba podia entregar a quem também se entregasse.

Há pouco recebera no seu e-mail uma notícia que esperava ansiosamente, uma confirmação que mudava tudo. A realização de um sonho, um sonho sonhado com o corpo inteiro, nas muitas vezes que percorreu a extensão da ciclovia que ia do Gasômetro até o Barra Shopping. Desde as últimas reformas naquele trecho da orla, há cerca de dois anos, estabelecera uma conexão com o Guaíba que julgava inédita. Mesmo a cidade tendo 1 milhão e meio de habitantes, pensava que só ele entendia o lago de verdade. Parecia um feitiço... Queria conversar com ele, abraçá-lo, e achava que estava prestes a realizar a façanha.

Marco é DJ e produz festas pela cidade, no espaço público. Faz isso com um grupo de amigos que acabou se tornando um coletivo. É bem verdade que hoje, ao fim e ao cabo, são apenas três. No início eram vários, a maioria colegas da faculdade de publicidade, todos meio indignados com a mercantilização de tudo – inclusive da cidade. Eram meio a meio entre homens e mulheres, mas todos cis, hetero e brancos. Sabiam que não eram muito diversos na sua composição, mas, de certa forma, repetiam a composição do público da faculdade particular onde estudavam. Ainda assim, pretendiam transformar a relação das pessoas com a cidade.

Assim, eles caçavam lugares pela cidade que sugerissem, por um detalhe da arquitetura, por uma característica da atmosfera, que aquele local era propício ao feitiço da pista de dança. E um dos locais mais desejados por Marco, atualmente, era a nova orla do Guaíba. Tudo havia sido reformado há pouco e, com isso, convidado um sem-número de porto-alegrenses a se aproximarem daquele belíssimo corpo d'água que, quando encontra-se com o sol, a cada final de tarde, produzia um encanto quase automático. Marco e sua *bike* estavam na parte superior da orla, onde bancos de cimento estão dispostos ao longo da larga calçada, pavimentada com grandes blocos de concreto. Lá embaixo, descendo os barrancos bem gramados, campos de futebol verdes e sintéticos, *playgrounds* com brinquedos de madeira e quadras de vôlei de praia eram conectados por uma trilha cinza que percorria toda a extensão do parque.

O rapaz se deixava envolver por aquela energia balneária, onde os gritos que explodiam das partidas esportivas se misturavam com as risadas das crianças que trepavam nos brinquedos do *playground*. A cada tentativa dos jogadores de devolver a bola de vôlei para o lado oposto da quadra, porções de areia eram espalhadas pela trilha de cimento, alterando levemente o relevo da pista usada por ciclistas, corredores e pessoas que apenas passeavam pelo local. A areia fina, praticamente ignorada pelas rodas das bicicletas, produzia um barulhinho irritante quando atritava com as rodinhas duras dos skates. De onde Marco estava, esse

som jamais seria ouvido, mas ele conhecia bem, pois já tinha percorrido aquele trilha incontáveis vezes. Parecia que as rodas da bicicleta já conheciam o caminho.

Marco havia sido enfeitiçado pelo Gestor de *Vibes*, e nada mudava nele aquela ideia fixa: precisamos fazer uma festa na orla do Guaíba. A tarde morna do final de março parecia coroar com aquele pôr do sol a conquista que tiveram. O coletivo, contagiado com o desejo de Marco, trabalhou muito, e conseguiu desenvolver um plano para viabilizar esse sonho. Os três compraram e assistiram juntos a um curso online do Gestor de *Vibes*, um *expert* que ensina – em poucos passos – a concretizar os sonhos, transformando-os em projetos factíveis, destacando e dando ênfase a elementos simbólicos que permeiam a comunidade em que os produtores culturais estão envolvidos e tornando-os atrativos a serem vendidos. Os clientes serão as marcas que se interessam em atingir o público que frequenta os eventos dos coletivos de que os alunos do curso fazem parte.

É uma relação de reciprocidade, as marcas abrem a mão e investem grana em eventos que são desejados pela sua comunidade de compradores e recebem, como contrapartida, publicidade para seus produtos. Mais do que isso: recebem o capital simbólico mobilizado pelos coletivos que propõem os projetos. Parecia justo. Era uma questão de tornar esses elementos quantificáveis. Quanto vale aquele movimento? Ao dar mais uma tragada no cigarro, já se sentindo levemente chapado, embriagado pela vibe da orla, Marco se viu invadido por um frio na barriga. Um nó na garganta, uma sensação difícil de descrever. Um incômodo que escapava do seu raciocínio. Essa dificuldade de determinar o valor monetário do movimento que eles faziam volta e meia o tirava do sério. Parecia que entrava nas reuniões para encantar e saía encantado.

Agora, acompanhando os últimos vestígios do sol, que se mandava em direção ao oeste, com a cabeça meio confusa pela fumaça tragada vagarosamente nos últimos minutos, Marco tentava se convencer de que aquilo tudo era uma boa ideia. Ele lembrava nitidamente do Gestor de *Vibes*, muito empolgado ao ouvi-lo contar sobre o projeto, com o sorriso emoldurado pela tela do computador num cenário que continha plantas da moda e uma estante cheia de livros coloridos. Os três se amontoando câmera para conseguirem aparecer ao mesmo tempo durante a vídeo chamada. Dizia o Gestor de *Vibes*: “Eu quero essa *vibe*! As marcas querem essa *vibe*! É só questão de empacotar direitinho... Imagina essa *vibe* e esse pôr do sol? Quem não quer?”

A ideia derradeira que o Gestor de *Vibes* dera ao coletivo de Marco, que garantiria o sucesso da festa na orla, era a mesma solução que ele havia dado ao Planejador Urbano em relação aos arruaceiros do centro: jean, aquele artista encenqueiro, devia ser convidado para discotecar/animar a festa. A forma de combater a invisibilidade conjurada por jean em seus encontros com o Guarda seria jogar nele os holofotes da mercantilização. Dois coelhos com uma cajadada. A arte de jean seria empacotada e a bagunça nas ruas seria canalizada para um empreendimento capaz de valorizar a cidade. jean seduziu (SODRÉ, 2019) a branquitude colonial com seus ritmos, e Marco tentou seduzí-lo com os encantos do capital. Mas a ginga de jean era malandra, nunca se deixava capturar por completo, ia e vinha, aparecia e sumia.

Mesmo que as territorialidades conjuradas pelas festas-encantos do Gestor de *Vibes* fossem plenas de produções de experiências com muitas sensações e ideias legais; mesmo que tais festas encantadoras estivessem cheias de afetações diversas e intensas, com prazeres, estranhamentos, gargalhadas, amores e amizades aos montes; mesmo que tais festas estivessem bem ornadas com discursos

políticos pelas diversidades de corpos, raça, gênero e sexualidade; quando tateamos tal território com mais vagar e atenção, sem nos deixarmos levar pela primeira impressão e pelo clima de divertido entusiasmo do ambiente, logo percebemos que tais experiências da diversidade estão organizadas de modo pouco complexo e bastante complicado (STENGERS, 2022). Cada um dos acontecimentos dissidentes é metodicamente isolado do outro e com a mínima conexão com o mundo fora da festa.

Apenas assim garante-se a transmutação dos ritos e ritmos dissidentes em *commodities* sociais que agregam capital simbólico aos empreendimentos do Gestor de *Vibes* sem o risco de que os processos de contágio político escapem do seu controle e permitam que a festa afirme revoluções micropolíticas que colapsariam os ritos classistas, racistas, cisheteronormativos, capacitistas etc., que conjuram e são conjurados pela festa-feitiço do Gestor de *Vibes*. A incorporação de tais estilísticas visa produzir uma pacificação das controvérsias e disputas que são o próprias do pulsar da cidade, reduzindo os elementos de expressão estética dos grupos que são historicamente marginalizados a produtos a serem vendidos, estampados em bonés e camisetas, transformados em *hashtags* e outras simplificações de tramas que são muito mais complexas.

Assim, por exemplo, elementos da ancestralidade indígena e africana, corpos dissidentes de gênero e sexualidade, pessoas que buscam artesanizar modos de existir contra-hegemônicos como jean, podiam ser prontamente capturadas pelos ritos capitalizantes que isolavam cuidadosamente suas imagens da trama de ações na qual se produziam, extirpam da sua comunidade, da territorialidade rítmica na qual estão compostas para, então, já extirpadas de sua comunidade de agenciamento, serem isoladamente reinscritas na territorialidade festiva de modo simplificado-complicado, sem conexões e possibilidades de contágio comunitário, sem a trama de ações que lhes permitem conjurar as territorialidades que lhes fazem vibrar e transgredir inclusive os ritmos da territorialidade conjurada pelo Gestor de *Vibes* em suas festas.

No dia da festa, jean rumou para orla munido de seus pen drives, pronto para fazer seu encanto ao manusear os equipamentos eletrônicos que permitem a conjuração dos ritmos que constituem seus territórios. Do alto do camarote, o Planejador Urbano e o Gestor de *Vibes* brindavam mais um marco na história da cidade. Mais um cartão postal sendo ornado com as batucadas que hoje estão na moda. O Planejador Urbano lembra que esse tipo de rito já chegou a ser proibido, caso de polícia, como ainda bem fazia o Guarda, mas o Gestor de *Vibes* sabia muito bem identificar as tendências que combinariam perfeitamente com aquela paisagem deslumbrante. A música compunha com o pôr do sol, que se derramava por sobre o lago, a nova peça publicitária que seria produzida para a venda da cidade. Mas jean, que mantinha em segredo sua capacidade de espiralar pelo tempo e pelo espaço, não abandonara por completo seus planos de fazer vibrar a cidade por inteiro. jean não era bobo, não se deixava enganar. Ele sabia que o encanto-feitiço do Gestor de *Vibes* e do Planejador Urbano eram operados por produtores *hipsters buena onda*, bem-intencionados, eles próprios encantados, enfeitiçados pelos múltiplos ritmos que podem reverberar em uma cidade. Não, jean tinha outros planos. Mas, para isso, ele também se deixava levar, gingar, aceitava os cachês e os palcos sem abandonar o chão que pisa e a partilha com os seus. Se jean tivesse apenas aceitado o cachê ofertado por Marco, lá estaria ele, no alto do local destinado ao DJ a fazer suas alquimias rítmicas para vibrar os corpos hegemonicamente brancos, ricos e cisheteronormativos que sugariam

suas forças como quem sorve um *drink*. As territorializações sincopadas das ancestralidades rítmicas africanas seriam ali apropriadas enquanto um elemento isolado do conjunto de eventos no qual estão compostas. E não apenas isso, mas seriam capturadas por uma territorialidade que faz questão de lhe apagar a história e potência política de agenciamento. Não bastasse isso, jean, ainda por cima, receberia um píffio reconhecimento, um parco pagamento quando comparado com o capital a circular naquele evento. Não bastasse isso, jean teria sido colocado em um território no qual podia apenas discotecar, não tendo qualquer outra voz e agência sob os seus ritos e territorialidades conjuradas. jean sabia bem os nomes daquilo: apropriação cultural, *tokenismo*, gentrificação e muitas outras palavras-encantos que lhe impediam de ceder ao quebranto do Gestor de *Vibes*, por mais sedutor que fosse ocupar aquele espaço de aparente destaque.

A potência política de (trans)formação de comunidades contra-hegemônicas era anulada quase que por completo pelo feitiço-festa do Gestor de *Vibes* e pela territorialidade conjurada pelo Planejador Urbano em sua alquimia das cidades: os ritos do capital. O ritual de extirpar acontecimentos de suas tramas de modo isolado para reinscrevê-los complicadamente em categorias desconectadas para traduzir os eventos do mundo em bens de capital: isolar e circunscrever fronteiras privativas-privatizadoras, homogeneizar e rarefazer singularidades, reinscrever em uma territorialidade abstrata que permita a transmutação numérica em capital. Uma veste, um penteado, uma performance, que teriam alta potência de conflito político e conjuração de comunidades-territorialidades dissidentes, eram ali capturados pela festa-feitiço de modo a serem transformados em bens de consumo simbólico, objetificados em uma relação publicitária de *branding* da vida de cada pessoa a conjurar e ser conjurada pela festa-feitiço do Gestor de *Vibes*. Cada enquadramento realizado e registrado pelo Gestor de *Vibes* será, posteriormente, publicizado e planilhado pelo Planejador Urbano, pronto a valorizar as áreas da cidade por onde ocorrem as ações do gestor de *vibes*.

No derradeiro momento, quando a música pulsava e embalava os últimos instantes do pôr do sol, quando Marco, o Gestor de *Vibes* e o Planejador Urbano brindavam a festividade pacífica e bem frequentada às margens do Guaíba, jean surgia, ao mesmo tempo em que estava comandando os decks do DJ, do lado de fora da festa, fazendo algazarra. Pelo rádio, o Guarda informava à produção do evento: “aquele maluco tá aqui fora, tem uma cambada, uma batucada, eles querem entrar”. Marco, não entendia como era possível, ele via jean a sua frente, com os próprios olhos, operando o encantamento rítmico a partir da cabine do DJ. Do lado de fora, com a lua e a rua cheia às suas costas, jean conduzia o cortejo, que partira do beco, lá no centro da cidade, batucando pelas paredes das avenidas e vielas. Os instrumentos se incorporavam aos ritmos da cidade, e arrastavam consigo uma multidão, com seus gingados e batucadas. A urbe toda vibrava, e derrubava os gradis que tentavam impedir a passagem. É certo que nem todos os muros podem ser derrubados, e que o Planejador Urbano e o Gestor de *Vibes* ainda construirão muitos marcos de valorização/exclusão nos ritmos-territórios da cidade. Mas é também verdade que nem todos os muros resistirão ao gingado e à batucada que reverbera das ruas, estando sempre sujeitos aos contrafeitiços coletivos que reterritorializam a multidão em festa.

Assim que o sol se pôs, a festa – que pretendia privatizar a orla e selecionar o público que iria consumir mais um cartão postal – se viu ocupada por uma multidão anônima. jean, gingando à frente e atrás, encantava o povo, que dançava e batucava no gramado, fazendo erodir o marco gentrificador erigido em pleno espaço público, com suas grades, câmeras e cancelas. O cortejo furou o bloqueio, e

a orla foi tomada por uma polirritmia, por uma confusão, as 7 chaves de jean abrindo os caminhos e retomando mais um território como espaço de disputa. Nem tudo está perdido.

Recebido em 3 de junho de 2023.

Aceito em 1 de agosto de 2023.

Referências

ACHEBE, Chinua. *A verdade da ficção*. Tradução de Gustavo Racy. São Paulo: sobinfluencia, 2021.

BERGSON, Henri. *A Consciência e a vida*. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERNARDO, Gabriel Vargas. *Trabalho de pista: a micropolítica das cidades nas festas de rua*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia), UFRGS, 2021.

BOTTONI, Francine Delavald; COSTA, Luis Artur. Ética ficcional-cartográfica: a procura humilde e a força frágil. *Quaderns de Psicologia*, 20 (1): 89-100, 2018.

COSTA, Luis Artur. Narrar-se para se desgarrar do razoável: a ficção como dispositivo clínico-político ético-estético. *Paralelo 31*, 15, 2020.

COSTA, Luis Artur. “Imersos no marulho de mundo: experimentando horizontes coletivos como ecossistemas narrativos”. In: SILVA, Rodrigo Lages; MIRANDA, Aline Britto (orgs.). *Horizontes coletivos: experiência urbana e construção do comum*. Curitiba: Editora CRV, 2022.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1975.

DELEUZE, Gilles. *En medio de Spinoza*. Buenos Aires: Cactus, 2008.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* São Paulo: Ed. 34, 2000.

ESPINOSA, Baruch de. *Pensadores. Obras selecionadas*. São Paulo: Abril cultural, 1973.

GUATTARI, Felix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus, 1990.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

OLIVEIRA, Clovis Silveira de. *Porto Alegre: a cidade e sua formação*. Editora Gráfica Metrópole, 1993.

ROSSI, Nalu Tiburi. *Arruaças: narrativas sobre a festa no espaço público urbano da cidade de Porto Alegre*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), UFRGS, 2021.

SILVA, Mariana Gonçalves da. *Entre esquinas, escadarias e encruzilhadas: corpografias negras urbanas*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional), UFRGS, 2020.

SIMONDON, Gilbert. *El modo de existencia de los objetos técnicos*. Buenos Aires: Prometeo, 2007

SODRÉ, Muniz. *Terreiro e a cidade: a Forma Social Negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

STENGERS, Isabelle. Reinventar a cidade? A escolha da complexidade. *Redobra*, 7 (16): 17-27, 2022.

WHITEHEAD, Alfred North. *Proceso y realidad*. Buenos Aires: editorial losada, 1956

WHITEHEAD, Alfred North. *O conceito de Natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.